



Ministério da Educação  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
Nº. 02 – Ano I – 10/2012  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## O conhecimento como Eros: uma leitura de *O Banquete* de Platão<sup>1</sup>

Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral  
Professor Adjunto I e Diretor da Faculdade Interdisciplinar  
em Humanidades – FIH – UFVJM - Diamantina – Minas Gerais – Brasil  
E-mail: [penedo.amaral@gmail.com](mailto:penedo.amaral@gmail.com)

Ângela Maria dos Santos  
Bacharel em Humanidades da Faculdade Interdisciplinar  
em Humanidades – FIH – UFVJM - Diamantina – Minas Gerais – Brasil  
E-mail: [angeladtna@gmail.com](mailto:angeladtna@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar, à luz da filosofia platônica, as interações dos personagens da obra “O Banquete” de Platão, e seus argumentos para alcançar o entendimento amplo sobre o deus Eros, que é tema do discurso apresentado. Composto por sete oradores, sendo o mais enfático, o de Sócrates. O objetivo proposto é exaltar o deus Eros, até então desonrado e esquecido pelos homens e levá-los à consciência da importância deste, para a organização humana e social. Este estudo analisa cada discurso apresentado de maneira simples e objetiva, chegando à conclusão da importância da dialética, do esforço intelectual, da opinião (*dóxa*) para o conhecimento, a busca interminável da verdade.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Eros. Platão. Banquete.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado para Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC do Curso Bacharelado em Humanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Antonio Penedo do Amaral.

## Introdução

A contribuição platônica para o entendimento do mundo metafísico e físico é uma das maiores contribuições do pensamento do mundo ocidental que explica os muitos porquês presentes no nosso cotidiano, envolvidos nessa condição limitada. Através da busca do conhecimento desenvolvemos não só o material, mas o espiritual que é o limite da vida.

Neste trabalho identificamos a importância do amor para a constituição, o Estado, a organização social. O *Banquete* apresenta a amizade, que é a forma fundamental de toda comunidade espiritual e ética humana, trazendo uma abordagem geral da importância do *Eros* para a formação humana, e ética. O amor, a amizade é a forma política de organização social.

Para Platão, numa sociedade enferma, só um grupo de homens bons e sábios e com ideias idênticas, é capaz, através de suas discussões e filosofia, buscar a verdade e encontrar soluções para tal enfermidade e só através do Amor, o homem se organiza, tem sentimentos e desejos de estar bem consigo mesmo e com seus pares.

Atribui-se a importância dos pensamentos que gira em torno do *Eros*, que visa o Bem comum social e a busca do Bem para cada indivíduo em sua totalidade. A amizade é a essência do *Eros*, para o Estado uma força educadora, molda o homem e seu caráter, ser espiritual, força que emana do Bem.

O homem ama partindo do particular para o sentido do amor em sua totalidade. Segundo o pensador, o corpo é uma prisão ou mundo das “cavernas” da qual deve se libertar para enfim, através do conhecimento, da razão, encontrar a verdade em sua essência e não na aparência.

Neste estudo, pretende-se estabelecer os principais fundamentos específicos de cada orador, que através do esforço intelectual atribui valores ao *Eros*, que é um dos mais importantes conceitos da cultura antiga, destacando bem como seus objetivos na eterna constituição humana.

### 1. Vida e obra

Arístocles, também chamado de “Platão”, o conhecido filósofo grego, nasceu em Atenas, em 428-7 a.C. O nome Platão é um adjetivo ou apelido adquirido

por seu porte físico, pois ele tinha uma frente extensa. Veio ao mundo pouco depois da morte de Péricles. Filho de Aríston, parente do rei Codro, e de Perictione, de família tradicional de Atenas, com forte ligação política aristocrática com os Trinta Tiranos<sup>2</sup> (404-403 a.C. ), e com o grande legislador ateniense Sólon, descendente de Neleu e de Posidão, personagens mitológicos. Tais influências levaram Platão a um acompanhamento mais próximo da política, tema recorrente de suas especulações filosóficas. Apesar das referidas influências, Platão mostrou-se crítico e descontente com o sistema político de sua época, a democracia ateniense.

As deficiências do regime democrático ateniense tornaram-se patentes para alguns pensadores, que se empenharam em corrigi-las. Se a liberdade proporcionada aos cidadãos era um patrimônio caro a ser preservado, a estabilidade política exemplificada por outros países, como o Egito, parecia invejável. Sem falar que, dentro da própria Grécia, o militarismo de Esparta sugeria uma solução política baseada no sacrifício das liberdades individuais em nome da disciplina e da ordem social. A crítica à democracia ateniense e a procura de soluções políticas do mundo grego foram preocupações centrais da vida e da obra daquele que é por muitos considerado o maior pensador da antiguidade: Platão. Nele, filosofia e ação política estiveram permanentemente interligadas, pois alimentou sempre a convicção de que "... os males não cessarão para os humanos antes que a raça dos puros e autênticos filósofos chegue ao poder, ou antes, que os chefes das cidades, por uma divina graça, ponham – se a filosofar verdadeiramente". (AMERICO, 1999, p. 8)

Em sua juventude, Platão, teve contato direto com seu mestre Sócrates. Antes disso, foi discípulo do heraclítico Crátilo. Como outros seguidores, seguiu os debates socráticos para se preparar para a vida política, embora a vida o tenha levado para outros caminhos.

O filósofo grego soube aproveitar a atração que a alma humana sente pela verdade, pela beleza e pelo bem, que o levou sempre para os caminhos do conhecimento, da criação e da ação. Através dos séculos, a lição platônica produziu frutos e foi interpretada de maneiras diversas tanto por Aristóteles como por Plotino (HUISMAN, 2001 p. 774).

Platão via na política a oportunidade de realização de seu projeto social, a saber, constituir a sociedade ideal, como descrita em sua obra *A República*, uma cidade-estado regida por uma espécie de aristocracia oligárquica, ou seja, por alguns homens que se destacariam para essa função, por serem mais esclarecidos

---

<sup>2</sup> Os tiranos eram os indivíduos que tomavam o poder com o uso da força, mas o termo só adquire um sentido de crueldade como em nossos dias após o governo dos Trinta Tiranos em Atenas. Mas a tirania será derrotada e abrirá espaço para uma nova fase na Grécia. O governo de tiranos será substituído por oligarquias ou democracias.

do que os demais: os filósofos. Para o pensador grego, o saber filosófico é o que torna o homem mais apto a governar e não desejar para si próprio o poder, mas realizar seu mandato como um dever, tendo em vista o bem comum.

Em 404/403 a.C., Platão teve sua primeira frustrante experiência política, quando a aristocracia assumiu o poder e Cármides e Crítias, seus parentes, participaram do governo oligárquico. Nessa oportunidade, ele observou os métodos facciosos e violentos da política de Atenas.

Depois da morte de Sócrates, em 399 a.C, Platão visita Mégara, ao lado de outros discípulos, e hospeda-se na casa de Euclides, não permanecendo, porém, por muito tempo. Em 388 a.C., aos quarenta anos vai para a Itália, Silício em Siracusa, norte da África, e Cirene, onde teve contato com a comunidade dos pitagóricos<sup>3</sup>.

Em 367, Platão visita Dioniso I, em Siracusa, pois via nele a possibilidade da realização da cidade ideal, tal como desejava: construída por filósofos. Dionísio, no entanto, ignora-o, o que não impediu que Platão conservasse sua admiração por Siracusa, à cidade do seu amigo Díon, personagem influente da corte. É possível que nessa época, Platão tenha escrito a *VII Carta*, que traz o tema da cidade ideal, em *A República*.

Nesse período, escreve seus primeiros diálogos, entre eles: *Apologia de Sócrates* (defesa de Sócrates diante da assembleia que o julgou e o condenou), *Críton*, *Laques*, *Lísis*, *Cármides* e *Êutifron*, *Hípias menor* e *Hípias maior*, *Protágoras*, *Górgias* e *Íon*, nos quais são discutidos temas como: ética, moral, política, amizade, coragem, piedade, autocontrole.

Em 387 a.C., em Atenas, Platão funda sua própria Academia científica e filosófica, a *Academia de Atenas*, situada perto do bosque consagrado ao herói mitológico Academos.

De forma dinâmica, desenvolve o seu pensamento sobre a conduta humana justa e bela. Aplica-se em especular sobre diversas áreas do conhecimento: as ciências, a matemática, a retórica. O objetivo era formar pessoas capazes de desempenhar a política e a filosofia. Nas palavras de Araújo, “Platão tentou reformar

---

<sup>3</sup> O tipo de vida pitagórica é pautado por uma ascese que, ao invés de se entregar a rituais catárticos de purificação, preferia encontrar no estudo dos números e de sua aplicação o modo reto de se libertar. As seitas pitagóricas privilegiavam um estilo de vida em comum, tanto no que tange às prosperidades quanto as ações coletivas. As refeições eram feitas em comum e a amizade era a virtude mais elogiada, já que juntos, os homens poderiam evoluir pelo saber.

não apenas a religião, mas a sociedade como um todo e, nesse sentido, é um pensador eminentemente político, o primeiro de todos os criadores de novas constituições” (ARAÚJO, 1995, p. 44).

Huisman descreve o trabalho desenvolvido na Academia platônica da seguinte forma:

Platão lançou à fundação da Academia segundo o modelo dos pitagóricos. Em *Mênomo*, tem-se uma ideia bastante clara da organização implantada por Platão, caracterizada pela permanência da sede, pela escolha dos ouvintes e pelo estabelecimento de um programa rigoroso que visava a definir não só os trabalhos ali realizados, mas também o método de ensino que seria aplicado. (HUISMAN, 2001 p. 775).

Em Atenas, dedica-se aos ensinamentos e estudos sobre a metafísica, até sua morte, em 347 a.C., dez anos antes da batalha de Queroneia, que assegurou a Filipe da Macedônia a conquista do mundo grego. No final do período helênico, portanto, com 80 anos de idade, como relatado no diálogo *Fédon*, Platão libertou-se da prisão do corpo.

É importante ressaltar que antes de Platão, a filosofia era apresentada de forma poética, ou seja, de forma rimada e ritmada, ou em prosa, como o faziam Empédocles e Parmênides, conhecidos como pré-socráticos. Platão nos apresenta a sua filosofia em forma de diálogos, modo de filosofar este, instaurado por seu mestre, Sócrates.

Ainda há muito o que descobrir a respeito da crítica de Platão à poesia, apesar de todas as análises que os comentadores modernos já produziram. A poesia não diz a verdade com certeza e segurança, e isso não se deve apenas ao fato de ela ser uma “palavra inspirada”, pois a filosofia também pode ser *música*, no sentido que lhe é dado em grego, isto é, inspirada pelas Musas: Platão faz até mesmo Sócrates confessar que a filosofia é a mais nobre música, no diálogo *Fédon*. (ARAÚJO, 1995 p.66).

Nos diálogos platônicos, a figura de Sócrates é a principal, sempre discutindo dialeticamente com oradores sofistas já reconhecidos. Há também a presença de seus irmãos, Glauco e Edimanto.

Constituídos por tramas, Platão está ausente de seus diálogos, dos eventos que estão sendo “supostamente” descritos. Nesse sentido, ele não estabelece uma relação direta com o leitor, mas mostra imagens de conversas já constituídas por teses diferentes e opostas entre si. No teatro platônico, segundo Araújo (1995), as verdadeiras personagens são tais teses e a trama é a oposição a

elas estabelecidas, compondo assim um gênero da época, chamado de *antilogias*<sup>4</sup> ou *controvérsias*.

Platão legou-nos trinta e seis obras, que tratam de temas como ética, moral, política, amizade, amor, entre outros. Os diálogos platônicos foram subdivididos em tetralogias: I) *Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon*; II) *Crátilo, Teeteto, Sofista, Político*; III) *Parmênides, Filebo, Banquete, Fedro*; IV) *Alcebiades I, Alcebiades II, Hiparco, Amantes*; V) *Teages, Cármides, Laques, Lísias*; VI) *Eutidemo, Protágoras, Górgias, Mênon*; VII) *Hípias menor, Hípias maior, Íon, Menexeno*; VIII) *Cletofon, A República, Timeu, Crítias*; IX) *Mino, Leis, Epinomis, Cartas*.

Os diálogos de Platão levantam, nos tempos modernos e contemporâneos, os seguintes questionamentos: são todos autênticos ou não autênticos? Quais são os não autênticos? E quanto à cronologia dos escritos? E quanto às “doutrinas não escritas”?

Para alguns críticos extremistas do século passado, nem todos os diálogos eram autênticos. Hoje em dia, essa questão perdeu força, pois os historiadores da filosofia tendem a considerar os diálogos de Platão verdadeiros em sua maioria. Da mesma forma, os novos estudos científicos indicam como satisfatória a cronologia de como tais obras se apresentam.

A fase central da produção platônica está em *A República* que é precedida pelo *Fédon* e *O Banquete*, e seguida pelo *Fedro*.

Os diálogos que representam o período de amadurecimento juvenil para a fase mais original estão em *Górgias*, que pertence provavelmente ao período da viagem à Itália, e o *Mênon*, que se vincula ao período seguinte, assim como o *Crátilo*. O *Protágoras* representa o último da primeira fase filosófica de Platão.

As doutrinas “não escritas” referem-se aos diálogos não redigidos. Pois Platão ministrou em sua Academia estudos, como o intitulado *Sobre o bem*, nos quais foi utilizada a oralidade não a escrita. Tal obra está relacionada aos primeiros princípios, os quais não podiam ser transmitidos, senão mediante preparação e observação que ocorrem no diálogo vivo, ou conversa com o emprego da dialética.

---

<sup>4</sup> Segundo Diógenes Laércio, Protágoras foi o primeiro a ensinar que todo assunto há dois discursos contraditórios, ou seja, que a respeito de tudo se pode encontrar sempre um pró e um contra. Na obra *As Antilogias*, Protágoras, demonstra que um logos pode ser sempre contestado por um logos contrario, ou seja, demonstra o caráter antitético da atividade cognitiva e prática do homem.

Só tomamos conhecimento de tais doutrinas, mediante os testemunhos indiretos dos discípulos.

O conhecimento dessas coisas não é de forma alguma transmissível como os outros conhecimentos, mas apenas após muitas discussões sobre tais coisas e após um período de vida em comum, quando, de modo imprevisto, como luz que se acende de simples fagulha, esse conhecimento nasce na alma e de se mesmo se alimenta (ANTISERI e REALE, 2003 p.135).

Os outros diálogos menores constituem os escritos de juventude, que “retocados” na idade madura, trazendo a temática socrática e a característica aporética.

## 2. A filosofia platônica

A filosofia platônica tem como relevância a descoberta de uma realidade superior do mundo sensível, ou seja, da “metafísica” do ser; um mundo para além do físico, a essência do porque físico que é reflexo do mundo inteligível, esta é à base do pensamento do mundo Ocidental.

O objetivo de Platão é chegar ao conhecimento através da verdade diferente do erro e da fantasia, mas a verdadeira realidade, e a aspiração à ciência através do entendimento via ser humano. A filosofia, o anseio de conhecer, nasce como libertação do *logos* em relação ao mito e a fantasia, para Platão este primeiro é *expressão de fé e de crença* enfim se complementam para a transcendência.

Assim como Platão outros como Anaxágoras, via a necessidade de explicar as coisas deste mundo através de uma inteligência universal, mas resumia-se ao físico tradicional, deixando questionamentos e perguntas, até então sem respostas “a causa daquilo que é físico e mecânico não será, talvez, algo que não é físico e não é mecânico?”.

Diferente de Anaxágoras filósofo pré-socrático, Platão deu respostas a tais perguntas através da descoberta da metafísica, ilustrada na linguagem antiga do homem do mar: “segunda navegação” nas palavras de Antiseri e Reale, a primeira navegação simboliza o percurso da filosofia realizado sob o impulso do vento da filosofia naturalista; a segunda navegação representa ao contrário, a contribuição pessoal de Platão a navegação realizada sob o impulso de suas próprias forças, ou seja, em linguagem metafórica, sua elaboração pessoal. (Antiseri e Reale, 2003).

A ilustração das navegações constituída por Platão consiste em experimentar a razão, que para este, representa o anseio, a filosofia, que juntamente com o que nos é proposto, através da intervenção da razão, nos faz ver para além do físico ou da beleza, e invocar a ideia do belo no objetivo de descobrir os verdadeiros “porquês” da realidade; o ser como verdade é constituído pela realidade inteligível.

Esta exposição platônica torna-se marco na história da metafísica no pensamento ocidental, seja por aceitação ou negação, relata-se que a partir dela é que se fala em material e imaterial, sensível e supra -sensível.

A explicação do mundo físico, desde os filósofos da escola de Mileto, convertia-se na procura de uma situação primordial que justificaria, em seu desdobramento, a situação presente do cosmo. Antes, a água (Tales), o ilimitado (Anaximandro), o “tudo junto” (Anaxágoras) \_ depois, devido a diferentes processos de transformação ou de redistribuição espacial, o universo em seu aspecto atual. A explicação filosófica representava, assim, o encontro de um princípio (*arquê*) originário, e era, por isso mesmo, movida por interesse arcaizante, de busca das raízes, de desvelamento das origens. Com Platão essa índole retrospectiva e “horizontal” da investigação é substituída pela perspectiva “vertical” e ascendente que propõe, seguindo a sugestão do método dos geômetras, as *ideias* como causas intemporais para os objetos sensíveis. O que é belo, mais ou menos belo, é belo porque existe um belo pleno, o Belo que, intemporalmente, explica todos os casos e graus particulares de beleza, como a condição sustenta a inteligibilidade do condicionado. (AMERICO, 1999, p. 19).

Hiperurânio (lugar acima do céu) ou mundo das ideias; expressão tal como objeto, específico do pensamento, que se dirige de modo puro, ser, que existe de forma absoluta, verdadeiro onde Platão determina as coisas não físicas, a realidade inteligível.

As Ideias, em suma, não são simples pensamentos, mas *aquilo que o pensamento pensa quando liberto do sensível*: constituem o “verdadeiro ser”, “o ser por excelência”. Em outras palavras: as Ideias platônicas são as essências das coisas, ou seja, aquilo que faz com que cada coisa seja aquilo que é. Platão usou também o termo “paradigma”, para indicar que as Ideias representam o “modelo” permanente de cada coisa (como cada coisa *deve* ser). (ANTISERI e REALE, 2003 p.140).

A ideia “em si” “por si” para Platão é o caráter absoluto da ideia, ou seja, impõe como tal sem relatividades.

O mundo físico é o resultado do mundo das ideias, ou seja, o plano supra -sensível do ser é representado pelas formas, mas o que traz de novo neste discurso

não é o ser como forma mas o que vem a ser na essência o que constitui o verdadeiro ser “o belo” o Bem .

Segundo *A República*, a Ideia do Bem se encontra no vértice da hierarquia das ideias, está presente em todas as outras ideias: valores, ética, corpóreas, geométrica; mas encontra superior a estas. O Bem que se manifesta no belo. Em *Filebo*: “E agora o poder do bem nos fugiu na natureza do Belo: como efeito, a medida e a proporção resultam ser, em tudo, beleza e virtude”.

Os entes matemáticos ou intermediários esta no degrau mais baixo da hierarquia, esta entre as ideias e as coisas.

A totalidade das ideias esta na doutrina dos princípios primeiros e supremos: *Uno* que é a medida suprema de todas as coisas, o princípio do ser, da verdade e do valor, ou seja, acima do ser. Aquele que traz em si o Bem contrapõe com a *Díade*, que é de ordem inferior, grande e pequeno, indeterminação e ilimitação, abaixo do ser.

O resultado destes princípios (delimitação do ilimitado), desta “mistura” encontra-se a ordem, a essência, a perfeição e o valor: a “*justa medida*”, o ser.

No mundo sensível diferente do mundo inteligível que se resulta da mistura, tem-se a imagem do mediador ou como Platão: um Deus “*Demiurgo*” que cria o mundo animado pela bondade, um Deus intermediador do homem e do cosmo, que do qual compartilha com o mundo inteligível que é eterno, “copia” ainda que imperfeita no mundo sensível, que esta na dimensão do tempo.

Contudo porque o Demiurgo quis gerar o mundo? O Artífice divino gerou o mundo por “bondade” e por amor ao bem. “*Porque Deus, querendo que todas as coisas fossem boas e, à medida do possível, não fossem más, tomou tudo quanto havia de visível que não se encontrava calmo, mas se agitava de forma irregular e desordenada, e o fez passar da desordem para ordem, acreditando que isso era muito melhor do anterior. Com efeito nunca foi nem é licito ao ótimo fazer outra coisa senão a mais bela*”. (ANTISERI e REALE, 2003 p.144).

Platão relata em *Fédon* na fala de Sócrates a Cebes, a resolução de antigos problemas filosóficos e científicos: a doutrina das ideias, segundo pensadores, a partir da afirmação do belo em si, e formulação da ideia como em sua essência, Platão adota o modelo matemático e a filosofia platônica define assim como tal diferindo do modelo socrático.

Colocar um princípio e aceitar como verdadeiro o que esta em consonância com ele, rejeitando o que lhe esta em desacordo\_ como afirma Sócrates \_ significa pensar “como geometra”, que propõe hipóteses das quais extrai as

consequências lógicas. E é o que Platão propõe através da boca de Sócrates: remontar do condicionado (os problemas a serem resolvidos ou as coisas a serem explicadas) à condição (a hipótese explicativa), visando antes às duas proposições (a que exprime o problema e a que exprime sua hipotética resolução). (AMERICO, 1999, p. 17).

Platão caracteriza através dos diálogos as causas inteligíveis dos objetos físicos. A palavra *ideia* “*eidos*” apresenta pela primeira vez em *Eutifron*; a qual esta relacionada com o sentido geométrico (figuras).

Em seus primeiros diálogos, expõe valores estéticos e a moral socrática, já a partir de *Fédon* trabalha não só a consciência para o autoconhecimento, mas também a ideia a arte das medidas e proporções, ou seja, a variação de mais e menos sugerindo um padrão ou a possibilidade da justa medida.

Em *Crátilo* refere a um objeto físico, a naveta, um artefato, aparecendo à primeira afirmação da transcendência das ideias.

Em *Parmênides* questiona-se a uma forma correspondente ao fogo (copia), ou seja, a realidade (fogo) teria um modelo em sua essência; Platão investe no mundo inteligível, relaciona-o para “explicar” o mundo físico. Formas existentes, objetos físicos e lhes confere a possibilidade da copia, utilizando da noção de imitação sem excluir o mundo das ideias.

A relação existente entre as formas e os objetos físicos que lhe são correspondentes é a outra grande questão levantada por *Parmênides*. Platão pretende resolvê-la através de duas noções fundamentais: a de participação e a de imitação. Em *Parmênides* o próprio Platão formula muitas das objeções que pensadores posteriores (inclusive Aristóteles) farão a essas noções. E, se ao longo da evolução de seu pensamento, permanentemente aprofundou, esclareceu ou refez o significado de participação e de imitação, jamais abriu mão da transcendência das ideias. (AMERICO, 1999, p. 21).

Para os pitagóricos, os objetos refletem exteriormente sua constituição numérica interior, apresenta-se um caráter de imanência: o modelo e a copia ambos no plano físico. Platão define a imitação como parte da metafísica, como lógica decorrente do distanciamento entre sensível e inteligível, copias imperfeitas do mundo da ideia.

Em a *República* o artista aparece como criador de aparência, ou seja, o objeto concreto imita a ideia que lhe é correspondente e a arte imita a imitação. Na fala dos pensadores nos diálogos, a relação usada metafisicamente por Platão para

explicar a relação sensível – inteligível reaparece assim em sua concepção estética e justifica as restrições feitas aos artistas em *A República*. (AMERICO, 1999).

### 3. A obra *O Banquete* e o *Eros* como conhecimento

O banquete na Grécia tinha o papel de reunir pessoas, amigos para grandes festas, debates, jogos, e homenagens. Conhecidos também como simpósios. Trocavam-se ideias e conhecimentos, bebiam de várias fontes, cada qual expunha suas ideias, sujeitas à análise crítica. Eram geralmente frequentados pelo público masculino. Mulheres e escravos serviam e entretinham os convidados com músicas, danças, bebidas e farta comida.

É nesse cenário que Platão em 380 a.C, nos apresenta sua obra, pinta seu *Banquete*, encaixa seus personagens e cria sua narrativa, emoldurada a uma nova ideia de banquete, esta completada aos costumes tradicionais, trazendo não só o lazer, o discurso, mas a imagem dos personagens, livremente transitando, em cada palavra, em cada entonação de voz, que ganha corpo na fala de quem as profere, estas que vão e voltam como o fio de uma teia, entrelaçando-se para a construção do *Eros*, um dos mais importantes conceitos da cultura antiga, “O *Eros* de Platão liberta. O erotismo discursivo de Platão acontece na travessia dialética do corpo verbal. Paródico na construção dos discursos, Platão se alista na marcha da discursividade inventiva”. (SCHULLER, 2011, p. 11).

O *Banquete* de Platão é narrado por Apolodoro, ou seja, de forma indireta, este, tem o papel de nos transmitir com precisão, detalhes da festa que comemora a vitória de Agatão, o homenageado da noite, pelo sucesso obtido em sua exposição no teatro.

Apolodoro recorre à memória, às lembranças, deixando frestas e lacunas, este é o convite que Platão nos faz indiretamente para participar do *Banquete*, através do pensar com ele ou através dele.

Sócrates então senta-se e diz: – Seria bom, Agatão, se de tal natureza fosse a sabedoria que do mais cheio escorresse ao mais vazio, quando um ao outro nos tacássemos, como a água dos copos que pelo fio de lã escorre do mais cheio ao mais vazio. Se é assim também a sabedoria, muito aprecio reclinar-me ao teu lado, pois creio que de ti serei cumulado com uma vasta e bela sabedoria (CAVALCANTE, 1991, p. 5).

Fecham-se os portões e para a música e para o vinho. Abrem-se as portas para o discurso oral, sedutor, sem dar de todo, produtivo, não vindo pronto, mas que se faz e refaz em cada personagem, e em cada palavra se traduz o deus Eros, que deve ser honrado e exaltado por todos.

Erixímaco determina a sequência das falas e o tema a ser abordado, que unanimemente é aplaudido. Este define o Eros duplo ou que seja oposto, não estando somente na mente humana, mas nos corpos dos animais, nos produtos que brotam na terra; princípio do vir a ser (mundo físico) o poder gerador de Eros, nos seres em geral. A desarmonia esta entre os opostos e a busca da justa medida é a virtude a ser alcançada.

Segundo o médico, o Eros do corpo doente é um e o do saudável outro, a medicina tem papel de descobrir na arte médica, “distinguir nos corpos o Eros belo e o Eros reprovável” (SCHULER, 2011. p. 55). Esse antagonismo está presente também na música, como na fala de Heráclito: “Não entendem que o diferente condiz consigo mesmo: harmonia discordante como a do arco da lira” (SCHULER, 2011. p. 57). Ou seja, o agudo e o grave, estes diferentes sons, mesmo discordantes, concordando, se harmonizam em arte musical.

Necessita-se que organizem como em Eros, com prazer, os discordantes, para que o processo se dê organizado sem prejuízos, mas sempre para justa medida, através da combinação criteriosa. Assim se revela o processo da vida humana que na busca do equilíbrio pessoal, visa o bem comum à prosperidade na *pólis*, a cura. Este Eros concentra em si o poder que transmite a nós, a harmonia que é a essência, a justiça para a convivência humana.

Aristófanis orienta-se para os fenômenos humanos concretos do amor, e na metafísica do homem, em busca da sua totalidade do ser, numa visão poética, apresenta o misterioso poder do amor sobre os homens, que a nada se compara. Em sua metáfora diz ser a humanidade compreendida em três sexos, e a partir do mito da forma esférica do homem primitivo, discursa o amor além da amizade não só no gênero feminino e masculino, mas entre dois seres do mesmo sexo (Andrógino).

O gênero masculino primitivo era descendente do sol; o feminino, da terra; o que reunia os dois gêneros em si mesmo descendia da lua, dotada de características desses dois astros. Lembravam os genitores na circularidade e no deslocamento. Terríveis na força e no vigor, extraordinários na arrogância, desafiaram os deuses. (...) sentenciou Zeus: “Julgo ter encontrado um recurso para preservar os homens e, enfraquecendo-os,

deter a insolência. Seccionarei agora cada um em dois para torná-los mais fracos e mais prestativos a nós, visto que serão mais numerosos. Andarão eretos, sustentados por duas pernas. Se mesmo assim, a nosso juízo, continuarem insolentes, se não se aquietarem, desferirei outro golpe para deixa-los saltitantes, numa perna só” (SCHULER, 2011, p.65).

Atualmente esta metáfora se manifesta em nossas falas como “a outra metade”, esta, justifica que estamos à procura da parte que nos foi tirada e, uma vez sendo nos tomada, procuramo-la em outros braços ardentes, na intenção de se inteirar e torna-se um único ser, para o aperfeiçoamento do próprio eu, objetivando o objeto do desejo para restaurar a natureza primitiva, ou seja, ser completo.

Eros é o mais antigo dos deuses, o mais honrado, o mais poderoso para levar o homem a virtude e a felicidade nesta vida e depois da morte (SCHULER, 2011), este é o discurso de Fedro, que diz da grandiosidade desse Ser, que entre os imortais é o mais antigo, causa dos maiores bens.

Este que reveste de honra quem o possui em vida e ate após a morte. Homero afirma “uma divindade inspira ardor a certos heróis” (SCHULER, 2011, p. 39), ou seja, personaliza a morte quando esta traz a vida. É honra morrer um pelo o outro, sentir-se herói, doando a própria vida em valor, do amor, pelo amado, simplesmente pelo instinto, proteger o que nos pertence, sentindo-se pertencido.

Alceste, filha de Pélias, fornece aos helenos prova convincente do meu argumento. Só ela consentiu em morrer pelo seu marido, embora o pai e a mãe dele ainda fossem vivos. Com a assistência de Eros, ele os superou em afeto, fazendo-os parecer estranhos ao filho, parentes apenas de nome. A ação de Alceste foi aprovada como bela não só pelos homens mas também pelos deuses. Embora muitos tenham praticado inúmeros atos belos, só a um numero reduzidos os deuses concedem o prêmio de retornarem vivos das profundezas do Hades (SCHULER, 2011, p. 39).

Este Eros é guia da comunhão social, pois numa sociedade onde se ama a ação contraria trará a repugnância, e a beleza, aplausos em busca da admiração e reconhecimento do amado, ou seja, mútua, é sentir a necessidade do outro, esta sociedade contraem a virtude moral, amando-se, organizando-se, produzindo.

Fedro, em sua fala, enfatiza que o Amor move o homem a construir as cidades, a melhor construção, a melhor luta, mesmo que custem sacrifícios, na intenção de nunca decepcionar o amado e nem abandoná-lo em meio à construção ou à guerra. Este é o próprio amor que inspira para a virtude a mais nobre, o bem.

Pois um homem que está amando, se deixou seu posto ou largou suas armas, aceitaria menos sem dúvida a ideia de ter sido visto pelo amado do que por todos outros, e a isso preferiria muitas vezes morrer. E quanto a abandonar o amado ou não socorrê-lo em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero “do ardor que a alguns heróis inspira o deus”, eis que o amor dar aos amantes, como um dom emanado de si mesmo (CAVALCANTE, 1991, p.10).

Pausânias critica a Fedro, não acredita que o deus é único e fundamenta-se em um ideal da relação erótica, que se afirma em duas naturezas: *Eros Pândemos* e o *Eros Urânios*, feminino e masculino, sendo o primeiro vulgar que é para mera satisfação sexual, um amor vil sem sentimento, a busca do belo aparente, esta presente no mundo da traição, do ciúme. Este desorganiza o estado baseado na paixão e não na razão.

O Urânio nos remete ao mundo das ideias, divino, que impulsiona ao bem e a servir ao verdadeiro amado, um amor nobre e estável, quebra as barreiras das paixões, “é de natureza o mais forte e que tem mais inteligência”. A harmonia é contrária a estes dois. “Assim é que o amar e o Amor não é todo ele belo e digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente”. (CAVALCANTE, 1991, p.11).

Está presente na complexidade, onde não há palavras pra descrever com propriedade o que nos faz este deus, este bem, este belo que não tem rosto feio nem bonito, mas é belo pelo amado e pelo amante se bem ou decentemente praticado com vista para a virtude.

(...) poderia alguém julgar ao contrario que considera muito feio aqui esse modo de agir. O que há, porém é, a meu ver, o seguinte: não é isso uma coisa simples, o que justamente se disse desde o começo, que não é em si e por si nem belo nem feio, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, feio. Ora, é indecente quando é a um mau e de modo mau que se aquiesce, e decentemente quando é a um bom e de um modo bom. E é mau aquele amante popular, que ama o corpo mais que a alma; pois não é ele constante, por amar um objeto que também não é constante (CAVALCANTE, 1991, p.14).

Agatão, ao contrário dos seus antecedentes locutores, não enaltece o benefício do Eros no homem ou na alma humana, antes pinta de maneira poética o próprio deus e sua essência, descrevendo suas virtudes, um amor que não comete injustiça e nem sofrimento, que dispõe de autodomínio.

Dos deuses, o mais feliz é o Amor, por ser o mais belo, delicado e o melhor, causa de outros bens, portanto, um deus jovem, discordando de Fedro, que

afirma ser o mais antigo dos deuses. Derivado da natureza divina ensinou aos mortais as demais artes, um deus perfeito.

(...) é um poeta o deus, e sábio, tanto que também a outro ele o faz; qualquer um em todo caso torna-se poeta, “mesmo que antes seja estranho às Musas”, desde que lhe toque o Amor. É o que nos cabe utilizar como testemunho de que é um bom poeta o Amor, em geral em toda criação artística; pois o que não se tem ou que não se sabe, também a outro não se poderia dar ou ensinar. (...) é ele o que produz paz entre os homens, e no mar bonança, repouso tranquilo de ventos e sono na dor (CAVALCANTE, 1991, p.30).

Sócrates introduz sua belíssima fala, juntando os fios das “falas” dos amigos, questionando, afirmando, perguntando.

– observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim, o que deseja, deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente. É espantoso como me parece, Agatão, ser uma necessidade; e a ti? (CAVALCANTE, 1991, p.34).

Ressalta que é impossível desejar algo que já se tem, ou não precisa mais, o amor é um desejo que se tem em se completar com algo que esta faltando, “o homem nunca pode desejar o que não considerar seu bem”.

O Eros não é por si mesmo formoso, nem feio, mas ocupa uma posição intermediária entre o feio e o formoso, entre o saber e a ignorância, entre o perfeito e o imperfeito, por isso não pode ser deus, não é perfeito, mas possui essências da divindade.

Não é mortal e nem imortal, é um elo, *Dáimon*, entre deus, o divino, e o homem, o terreno, o Eros é duplo, contém características desiguais, a riqueza e a pobreza que para Platão é a ponte entre o Eros e a filosofia, é a aspiração de conseguir modelar dentro do homem o verdadeiro Homem, através do conhecimento, do esforço intelectual e moral de superar as aparências do mundo sensível, em busca do mundo inteligível, ou mundo das ideias.

O conhecimento, a verdade é o eterno desejo de alcançar o que esta além, é a procriação e cultivação da verdade ou criação pessoal “aspiram a um renome duradouro, imortal” (SCHULER, 2011, p.105) com este desejo, o homem busca a imortalidade não só do corpo, mas em todos os aspectos, se eterniza a si próprio através das obras, ou de seu próprio rebento, este Eros é espiritual.

## Conclusão

Ao se pensar o amor nos dias atuais é difícil não ver resquícios desse amor platônico que traz grandes contribuições e que permanece vivo em nossas definições, e que por mais que se mudam as palavras o sentido é o mesmo, as características são as mesmas, pois o tempo não muda o ser humano em sua essência, e independente da época carregamos na alma esta essência, e o ideal é que o amor molde o caráter, a estrutura social, trazendo o seu maior legado que é o Bem, individual ou coletivo.

Esse amor atualmente encarado como impossível em meio a esta sociedade moderna, onde é confundido com o ter e não com o ser. Platão em seus diálogos deixa claro que este amor tem várias fisionomias e valores, independe em sua maioria da interpretação racional.

Ainda hoje conseguimos ficar perplexos diante da força que o amor pode exercer sobre o homem, sobre a natureza, pois ele nos move para a busca incessante da própria satisfação seja material ou espiritual, base para o bem é uma maneira de expressar a importância de nos mantermos vivos.

A filosofia assim como o amor são asas que batem contra o vento e produz um pequeno vento... o suficiente para equilibrar no espaço e sentir a liberdade que este deus, o Amor, nos inspira, este esforço que inspira ao conhecer, ir um pouco além, produzir e reproduzir. Caminho para o conhecimento e verdade, instigador das mais nobres virtudes humanas que fluem de dentro, algo inesperado e enriquecedor, o equilíbrio entre nós humanos. Eis a filosofia platônica.

A leitura e o estudo desta obra platônica revelam que, através do exercício intelectual, espiritual, material, evoluímos e somos melhorados na perspectiva do conhecimento, do viver bem, de dentro pra fora e vice-versa, na intenção de não se guardar, mas expandir e difundir a verdade, dando sentido à nossa existência.

**Abstract:** This article aims to analyze, by the light of Platonic philosophy, the interactions of the characters in “The Banquet” of Plato, and their arguments to reach a broad understanding of the god Eros, who is the subject of the presented speech. It is composed of seven speakers, in which the more emphatic, is the one of Socrates. The proposed objective is to exalt the god Eros, until now disgraced and forgotten by men and bring them to consciousness of his importance to human and social organization. This study analyzes each speech shown in a simple and objective way, concluding the importance of the dialectic, of the intellectual effort, and of the opinion (doxa) to the Knowledge, the endless pursuit of truth.

**Key words:** knowledge. Eros. Plato. Banquet.

## REFERÊNCIAS

ANTISERI, D. e REALE, G. “Platão: o horizonte da metafísica”. In: **História da Filosofia: filosofia pagã antiga**, v. 1. [Tradução Ivo Storniolo]. São Paulo: Paulus. 2003.

HUISMAN, D. **Dicionário dos Filósofos**. [trad. Cláudio Berliner *et alii*]. São Paulo: Martins Fontes, 2001. P .774,781.

PLATÃO. **Diálogos**. [trad. José Américo Motta Pessanha]. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **Diálogo /Platão**. (Os pensadores). [trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa]. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Banquete**. Trad. Donaldo Schüller. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

WATANABE, L. A. **Platão - Por Mitos e Hipóteses: Um convite à leitura dos Dialogos** - 1ª ed – Sao Paulo : Editora Moderna , 1995.